



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba

Campus III – Guarabira

Centro de Humanidades Osmar de Aquino

Curso de História

LIDIARA THALITA FERREIRA COSTA

“LA PLUS GRAN PASSION DU MONDE”: Reflexões sobre o romance epistolar *Cartas
Portuguesas* (1669)

Guarabira

2016

LIDIARA THALITA FERREIRA COSTA

“LA PLUS GRAN PASSION DU MONDE”: Reflexões sobre o romance epistolar *Cartas Portuguesas* (1669)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

GUARABIRA

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837p Costa, Lidiara Thalita Ferreira
"La plus gran passion du monde": [manuscrito] : reflexões
sobre o romance epistolar Cartas Portuguesas (1669). / Lidiara
Thalita Ferreira Costa. - 2016.
30 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima,
Departamento de Humanas".

1. Cartas Portuguesas. 2. Mariana. 3. Amor. I. Título.
21. ed. CDD P869

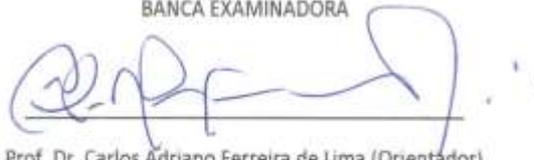
LIDIARA THALITA FERREIRA COSTA

“LA PLUS GRAN PASSION DU MONDE”: Reflexões sobre o romance epistolar *Cartas Portuguesas* (1669)

Artigo apresentado ao Programa de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

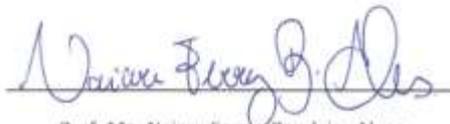
Aprovada em: 32/05/2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Naiara Ferraz Bandeira Alves

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Alômia Abrantes da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais e a minha avó, pelos ensinamentos,
cuidado e amor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente volto meus olhos para o céu e agradeço ao meu amado Deus por tudo que tenho e que sou, agradeço a minha advogada, Nossa Senhora, por toda proteção e intercessão.

Agradeço a minha amada família, em especial minha avó, meus pais e meu irmão, por todo amor e atenção para comigo.

Aos meus amigos que tanto torcem pelas minhas vitórias e me encorajam a ir sempre em frente, agradeço.

Aos professores que compõem o curso de História, aqueles que durante esses quatro anos de curso tocaram a minha vida de maneira significativa, grata por todos os ensinamentos, tenho orgulho de ter sido aprendiz de grandes mestres e doutores.

Obrigada meu querido Carlos Adriano por me orientar e por ter me apresentado *As Cartas Portuguesa*, tenho grande admiração por ti e é uma honra ter sido sua orientanda e aluna.

E por último, mas não menos especial, agradeço a família que eu ganhei nessa universidade, a vocês meus amigos de turma, sou grata por todos os momentos, eles se eternizaram em minha memória.

As cartas de Mariana são como pássaros solitários a voar de céu em céu, cada vez mais longe, a mostrar por onde passam um reflexo de paixão, e que no próprio mistério dão margem a todas as sugestões de amor.

(AVELINE *apud* FREIRE, 1994, p. 14)

**“LA PLUS GRAN PASSION DU MONDE*”: Reflexões sobre o romance epistolar
Cartas Portuguesas (1669)**

Lidiara Thalita Ferreira Costa¹

RESUMO: O presente artigo tem por finalidade apresentar o romance epistolar *Cartas Portuguesas* (1669), a partir do discurso amoroso presentes nas cinco cartas que compõe a publicação. Seguimos a abordagem sobre o discurso amoroso proposta na obra *Os Quatro Amores* (1960) de Clive Lewis. Dessa forma, explicitamos nossa abordagem sobre qual forma de amar se faz presente em Mariana, a personagem protagonista e narradora das cartas, e sua homônima uma freira portuguesa a que são atribuídas à autoria das mesmas. Procuramos o que move, deseja e os desdobramentos do afeto presente nas cinco cartas. Para tanto, dialogamos de forma sucinta com o contexto histórico e amoroso do século XVII o que nos leva a conhecer o que se passa na escrita das epístolas e história dos afetos.

Palavras-Chave: Cartas Portuguesas. Mariana. Amor

* A maior paixão do mundo

¹Aluna de graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: thalita_costasp@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Quando mencionamos a palavra “sentimento” um mundo de ideias surge em nosso pensamento, e quando falamos de amor então, fica mais complicado ainda, é algo que sempre nos faz parar para pensar e tentar encontrar algo que defina, que explique, que nos faça entender o que seja. Pelo meu olhar, não existe apenas uma definição estanque do que seja o amor, o que talvez explique o que seja para mim, pode não explicar para outra pessoa, é como dizem, sentimento não se explica como se explica uma questão de matemática, é algo bem mais complexo.

O título do presente artigo faz referência a um questionamento da narradora-personagem na terceira epístola, na edição de 1669 como “la plus grande Passion du monde?²” (ALCOFORADO, 1992, p. 86), traduzido e popularizado como “O maior amor do mundo”. O questionamento que leva ao trecho é o seguinte “Será que você seria cruel o suficiente para usar meu desespero no intuito de se mostrar ainda mais atraente, gabando-se de ter provocado *a maior paixão do mundo?*” (ALCOFORADO, 1992, p. 40) (grifo nosso). A distinção entre paixão e amor mesmo nas cartas é dúbia, ora atribuído um afeto ao outro, numa relação com a confusão de sensações da personagem.

As *Cartas Portuguesas*, cuja autoria é atribuída a uma freira portuguesa homônima a personagem principal, que não “assina” as cartas ao término, mas no intercurso da escrita. Temos na primeira carta uma “assinatura”, quando diz:

[...]pare, Mariana, sua louca, pare de se consumir em vão, de procurar por um amante que você não verá nunca mais, que atravessou os mares para fugir de você, que está na França mergulhado em prazeres (1992, p. 18)

Os pesquisadores que reconhecem na freira que existia em Portugal como autora das cartas são conhecidos como Alcoforistas, em consequência do nome da hipótese que Mariana Alcoforado, que viveu na região do Alentejo em Portugal, ser a autora das cinco epístolas feitas e envolvidas por sentimento, emoção, mistério, e considerada uma das obras mais belas e reconhecidas declaração de amor/paixão³ do mundo, não é à toa que Henry Bordeaux, citado no livro: “*Nossos Clássicos – Mariana Alcoforado (1994)*” diz que todas as cartas de

² Destaca-se relacionado-se com o mesmo trecho da terceira epístola o trabalho de Myriam Cyr, intitulado “O maior amor do mundo: a história da freira Mariana Alcoforado e suas cartas de amor proibido”, que tergiversa acerca do tema numa perspectiva cuja passionalidade em busca da Mariana Alcoforado enquanto autora encontra ecos na obra que utiliza como mote para sua justificativa da autoria.

³ Reiteramos que as palavras surgem na obra como sinônimos.

paixão passaram a se chamar portuguesas. Apesar do sentimento de Mariana ser tão arrebatador, como veremos, nada impede de que seu amado, para quem ela escreve as cartas, a abandone, talvez eu deveria, se pudesse, agradecê-lo-ia por tê-la abandonado, pois devido a esse abandono, tive o prazer de ler e escrever sobre as famosas cartas.

O título desse artigo já remete a um sentimento bem grandioso vindo pelos olhos da freira, e o sentido da visão é recorrente na primeira carta. A ausência do amado leva a falta de luz ao olho. Reiteramos que a narradora afirma, na Terceira Carta, que o sentimento é o maior do mundo, levando-nos a questionar que sentimento é priorizado no emaranhado de confusão emocional que são essas cartas e essa grandiosidade toda que em sua maioria só cabe na imaginação do leitor no momento de envolvimento emocional com as cartas.

Marcada por um regime de historicidade, do enredo, momento de circulação, não seria diferente com esse clássico dos afetos da literária, vamos então entender o contexto que forma as cartas e o sentimento que move minha querida freira portuguesa, partindo assim do pensamento teórico que dar margem aos estudos dessas epístolas.

2. Pensamento Teórico: História Cultural

Sabemos que toda sociedade existente, cada período histórico que estudamos remete aos costumes, as maneiras, formas de agir, pensar e falar que cada sociedade impõe sob os indivíduos nela presentes, cada qual do seu modo consegue influenciar as ações e a vida das pessoas, tornando-as tão dependentes, vivendo presas numa rede de fatores religiosos, sexuais, econômicos, sociais, políticos e tantos outros, podemos dizer que cada uma dessas comunidades possui sua própria cultura, podendo ser reflexo ou até mesmo espelhos de outras culturas. Sendo assim, se toda sociedade tem sua cultura, essa por sua vez tem sua história, afinal tudo que existe na terra ou além dela, de objetos a sentimentos, é composto por uma história

Na visão de Peter Burke, a história é fragmentada de acordo com as áreas de atuação, como história econômica, social, cultural e tantas outras, onde os historiadores se aperfeiçoam em uma ou mais dessas áreas, onde essas diversas partes formam um grande corpo chamado de História. Vamos tratar aqui então de dois pontos, da história que é vista como tradicional e sobre a história nova. A História tida como tradicional podemos assim dizer, é aquela onde o que tem valor é apenas a narração em si, e não as causas e circunstâncias que levaram a tal

narração e sem contar que essa narração era dada por meio das falas dos vencedores, daqueles que estavam por cima, o que importava eram documentos escritos, que se resumia a textos. Era uma história oficial, como relata Burke, no livro *A escrita da história: novas perspectivas* (1992). Não tinham interesse em falar sobre as questões locais e regionais, nada era mais importante que os acontecimentos “lá fora”, ignoravam as atividades humanas feitas por pessoas simples, e supervalorizavam a história vista por cima, ou seja, a vida de pessoas ilustres (chefes, generais, etc.)

A História nova, por sua vez, tendo origem na França, com grande embasamento na escola dos Annales, coloca grande importância nas coisas feitas, pensadas e sentidas pelo ser humano, desde os mais simples até aqueles que são tidos como “figuras ilustres”, para essa nova história, absolutamente tudo que provém do humano tem um valor, tem uma história. E não é suficiente saber dos acontecimentos apenas, mas entender tudo que influenciou e que compõe o “porque” para tal fato ter acontecido, é aqui onde surge a história vista de baixo, ou seja, chegou a vez de escutar a voz daquelas pessoas marginalizadas, tidas como inferiores para a sociedade, quais histórias e opiniões dessas pessoas e é dessa maneira que os documentos deixam de ser apenas textos escritos, e vão de palavras a gestos.

A Escola dos Annales, movimento surgido na França, no século XX, tinha como proposta principal se livrar da visão positivista em relação a escrita da História, pretendendo assim substituir essa visão por estudos e escritas mais detalhados para melhor compreensão das civilizações. Segundo o artigo de José D’Assunção Barros, a escola dos annales é dividida em quatro gerações, a primeira é marcada por historiadores como Lucien Febvre e Marc Bloch, tidos como fundadores dessa escola; a segunda é marcada pelas produções do historiador Fernand Braudel. A terceira geração, por sua vez, se faz presente a história nova que de certa forma relata a história das mentalidades, é preciso tentar entender a mentalidade social da humanidade, seus costumes, suas transformações, seus ganhos e perdas, eis um dos motivos pela qual a história vista de baixo é tão eficaz para entendermos o que aconteceu e acontece nas sociedades, e a quarta geração se inicia em 1989 com o desenvolvimento evidente da História Cultural.

Chamada de História Cultural pela primeira vez no século XVIII, de forma mais nítida na Alemanha e na França, não se tem um único conceito do que seria essa História, pois ela não é apenas de posse dos historiadores ou de alguma outra área do conhecimento, existe inúmeras fronteiras que vem de encontro a História Cultural, como a história da arte, da música, da dança, da literatura e tantos outros departamentos, tornando-a um trabalho

multidisciplinar, que abrange não algo específico e sim múltiplos estudos, por isso é tão complicado colocar um conceito para defini-la. Jean Paul Sartre, filósofo francês, comentado no livro de Peter Burke, *“O que é História Cultural?”* Defende que a melhor maneira é entendermos que a História Cultural contém uma história própria admitida pelos alemães, americanos e franceses, mas que não possui uma essência em si.

A História Cultural, como mencionado, não tem um único conceito, como assim também não existe um único objetivo, pois tem várias linhas de pensamentos ligadas a ela, um dos objetivos dessa História diz Roger Chartier, historiador francês: "tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler". Esse pensamento é mostrado por José Barros, professor da universidade em Vassouras, em seu livro *“O Campo da História – especialidades e abordagens”*. O que nos leva a compreender o quão importante se torna entendermos o contexto cultural em que determinada sociedade ou época estava vivendo quando estamos estudando-a ou analisando-a, para podermos compreender a escrita de um livro ou até mesmo determinadas falas e discursos.

No livro já citado acima de Peter Burke, existe uma divisão sobre como ocorre a História Cultural, o que auxiliou de forma significativa a compreensão desse emaranhado de “culturas”. Dividida em quatro fases: História Clássica – 1800 a 1950; História Social da Arte – 1930 a 1940; redescoberta da História Cultural Popular em 1950 e 1960; e a Nova História Cultural a partir dos anos 70.

A história clássica remota para um lado mais político, acontece de forma mais intensa na Alemanha por volta de 1904, é o momento onde se estudam os sentimentos, os símbolos e as maneiras como as coisas se transformam, a questão do capitalismo se transforma em estudo para entender o quanto a questão cultural pode afetar e ser afetada por meio dessa forma de pensamento. Em fins dos anos 30, a problematização para entender o vínculo da cultura e da sociedade se torna objeto de estudo, isso acontece entre Londres e nos EUA, onde a ideia de cultura não era tão eficaz, lá se usava a questão da civilização para expressar algo relacionado a cultura, e nesse momento vem o estudo da “história das ideias” com Perry Miller, historiador dos EUA e também a História social da arte com Arnold Hauser, em que surgiu a importância de estudar e compreender as pinturas, os textos clássicos, para assim ter uma noção mais geral do que esses documentos expressavam sobre determinada época.

Por meio dos estudos “história das ideias” começou a ser cada vez mais enaltecido a população, compreendendo assim como os costumes, falas, gestos, pensamentos de um povo, de uma classe, pode construir e desconstruir a questão da cultura. Edward Thompson, considerado um dos primeiros historiadores a tratar a história vista de baixo, destaca-se nesse período da redescoberta da cultura popular, para esse historiador “sem cultura não há produção.” Podemos entender nesse caso que a cultura tem uma grande influência em relação as obras construções e desenvolvimento de determinada sociedade. Assim com a redescoberta da História Cultural popular, no período de 1960, começou a se pensar nas mudanças econômicas, políticas e sociais a partir da sociedade, como a relação entre o povo podia contribuir para as transformações e permanências desses pontos estratégicos que podem controlar a sociedade.

Contudo, apesar de todo esse desenvolver na História Cultural, ainda existia grandes discussões e debates sobre os métodos, as fontes, até mesmo sobre a própria definição de História Cultural, e na década de 70, aparece a Nova História Cultural sendo tratada por Foucault, Bourdieu, Norbert Elias e tantos outros, que por meio de suas ideias, debates e princípios se encaixaram nessa discussão. Essa nova história surge com suas práticas e representações, digamos que cada “setor cultural” tem seus projetos, suas pesquisas, como Bourdieu e suas ideias de hábitos sociais para explicar a formação de uma identidade social, ou até mesmo a história da memória, a história do corpo, ou seja, cada qual com seus estudos específicos, mas que mesmo assim se interligam uma vez ou outra, e segundo Burke, essa nova história pode até chegar ao final, mas a História Cultural irá prosseguir.

O principal objeto da propagação da História Cultural, com o advento da prensa é a popularização dos impressos dos mais variados formatos e estilos, em especial, no paradigmático modelo da sociedade moderna de registro do conhecimento: o livro. Além dele temos as cartas, textos que exprimem práticas e representações de uma determinada sociedade sejam oficiais ou pessoais, públicas ou particulares, assim como, logo após a leitura desses livros surgirá novas práticas e representações. Uma maneira bem simples de compreender a ligação entre a prática e a representação é apresentada por José D’Assunção, professor da universidade de Vassouras, onde ele apresenta um exemplo da visão da sociedade em relação a um mendigo, do modo como ele era tratado em diferentes períodos da história, por meio do significado que o mendigo tinha gerando assim práticas diferentes em cada momento. Com o estudo de práticas e representações podemos compreender determinados objetos relacionados a cultura, como enfatiza José D’Assunção:

As noções complementares de práticas e representações, são bastante úteis, por que através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores da cultura, como também os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suportes a esses processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades através da consolidação dos seus costumes. (2003; p. 161)

A História Cultural interessa-se pelos sujeitos que são produtores e receptores de uma cultura, podendo abranger o campo da arte, da literatura e da ciência, onde a história possa ser observada seja por imagens que o homem produz de si mesmo, da sociedade em que vive e do mundo que o cerca, seja das condições sociais, ou de objetos da arte e da literatura, abrangendo também objetos e materiais (concretos ou não) vindos da 'cultura popular' produzida na vida cotidiana através de atores de diferentes especificidades sociais, relata José D'Assunção, sem contar nos meios de produção e propagação cultural que também se encontram no campo institucional: os sistemas educativos, a imprensa, os meios de comunicação, as organizações socioculturais e religiosas, ou seja são inúmeras as fontes e os produtos que a História Cultural abrange e disponibiliza. E como o que tratamos aqui são cartas, se faz necessário uma citação sobre esse meio de fonte cultural referente a literatura.

As epístolas deixam de ser meros documentos para se tornarem literárias quando há “espontaneidade desprentensiosa”, ou quando há “revelação íntima dos sentimentos”, ou ainda quando há narrativas pitorescas de fatos pessoais, quando, sobretudo, referem estados da alma. (Teófilo Braga, 1948)

As epístolas são consideradas fontes de estudo da História Cultural, assim como livros, cordéis, canções, e podem tanto absorver como reproduzir práticas e representações, afinal, esses são sempre efeitos de motivações e precisões sociais. Sendo assim, *As Cartas Portuguesas*, publicadas em 1669 escritas com forte relação entre as sociedades portuguesas, e em especial da elite francesa, pois o enredo das cartas se dá entre esses dois países, Portugal e França, no século XVII, com elementos que poderiam ser datados entre os anos de 1640 a 1669, ano esse, conforme citado da primeira aparição dessas cartas ao público no formato de livro impresso.

2.1. Contexto Amoroso

Em sua grande maioria, os romances mais conhecidos são os que envolvem amor e morte ou como as cartas portuguesas, o que apresenta desfechos impossíveis de ter um final feliz, esses romances têm boa chance de se tornarem popularizados, podendo ser vistos em canções, poesias, poemas, em outras palavras o amor feliz não tem história, como é dito no livro *O Amor e o Ocidente* (1988) e onde também é relatado sobre o lirismo ocidental de maneira que o que é elevado não é a paz que possa existir entre o casal amoroso, mas sim a paixão de amor, que de fato é considerado uma infelicidade, aonde a paixão significa sofrimento, e percebemos que é assim até os dias de hoje, para um romance ser conhecido e popularizado é preciso que tenha sofrimento e renúncia.

Apesar do amor ser tratado universalmente, o contexto amoroso é construído de forma diferente dentro das sociedades. Em amplitude, esse contexto tratado no ocidente e no oriente pode-se dizer que são distintos, mas que existem vários aspectos que os interligam. No Oriente, “o Amor é frequentemente concebido como prazer, simples volúpia física” (ROUGEMONT, 1988, p. 58), a paixão ligada ao sentido do trágico e doloroso toma conta do humano em uma forma de furor.

No contexto ocidental o sentimento sempre ligado a questão da religião, dando importância a questão do casamento, a elevação e aproximação para com Deus e para com o próximo. É no século XII que o casamento é deixado em outro ponto e a paixão é exaltada em seu frenesi no sofrimento que confere, surgindo assim o amor-paixão que eleva o sentimento Eros relacionado ao amor Côrtes desse período. Em relação a esses dois extremos: ocidental e oriental conclui-se que:

“Não foi o cristianismo que fez nascer a paixão, mas sim uma heresia de origem oriental. Essa heresia se difundiu primeiro nas regiões menos cristianizadas, precisamente onde as religiões pagãs ainda tinham uma vida secreta. O amor-paixão não é o amor cristão, nem mesmo o ‘subproduto do cristianismo’ ou ‘deslocamento de uma força que o cristianismo despertou e orientou para Deus;” (ROUGEMONT, 1988, p. 260)

Falando um pouco do século XVII, que é tratado nesse artigo, é exposto no livro *O Amor e o Ocidente* que é a partir desse século que os costumes amorosos se separam das crenças religiosas, se adaptando assim as leis da razão, onde agora eram os “méritos” que decidiam uma união e não a graça imprevisível, é o período do barroco clássico em que esse prende o sentimento sob o artifício de suas grandezas. Nesse momento o ardor da paixão vem dos obstáculos e impedimentos que se referem ao pecado, a sociedade, ao corpo, pois para existir a paixão é preciso que haja dor.

Apesar de se fazer presente a questão da religiosidade na construção do amor ocidental, ligando assim a ideia do amor de Cristo por nós, os conceitos impostos pelo cristianismo acabou perdendo, embora não totalmente, seus argumentos sobre união e casamento, o que passa a encantar elevar o amor ocidental não é mais as coisas que se fazem tudo organizado e arrumado por terceiros, mas sim a presença do desejo, da paixão, onde tudo que seja considerado erro, proibição, castigo, se torna algo de desejo.

Abordando assim a questão da escrita e do formato epistolar das *Cartas Portuguesas*, escritas no século XVII, Carlos Adriano⁴ cita que nesse período a escrita precisava parecer o mais próximo do natural e do verdadeiro, ou seja, era preciso que fosse visto nas escritas a alma do autor, os sentimentos que estavam presente no momento da escrita, um dos elementos que ocorre na escrita das cartas, Mariana expõe totalmente os seus afetos e não de qualquer forma, mas sim demonstrando o quão grande e intenso é o que se faz presente em seu interior.

As cartas seguem uma forma na qual Muhana, citada no trabalho de Carlos Adriano, apresente como sendo “uma primeira pessoa, aquela que escreve para uma segunda, sobre um assunto ou como intitula “uma coisa terceira” (2014, 82) nas *Cartas Portuguesas* é isso que ocorre, por exemplo: Mariana (autora das cartas), escreve para seu amado (um soldado francês), expondo uma terceira coisa que são seus sentimentos em relação a ele.

Sendo assim as epistolas portuguesas são obras que seguem essa linha de pensamento em relação a escrita e ao sentimento colocado nelas na esperança de demonstrar a alma da autora, construído assim pelo amor considerado ocidental ao qual a paixão e a dor estão interligadas para que ocorra toda uma euforia de sentimentos.

⁴ LIMA, Carlos Adriano Ferreira. Secretários dos amantes: arqueogeneparatextomediadulogia do sabor no romance epistolar *Cartas Portuguesas*. 2014

2.2. Anos 40 a 60 do século XVII

O período tratado nesse artigo remete dos anos 40 aos 60, do século XVII, onde Portugal passava por uma guerra, que ficou conhecida como Guerra da Restauração, devido ao seu objetivo que era a restauração da independência de Portugal sobre a Espanha, que desde 1580, devido a União Ibérica, a Espanha vinha dominando os territórios de Portugal, pois com a morte de D. Sebastião e do seu tio-avó, o Cardeal Dom Henrique, o País de Portugal ficou sem ninguém para ocupar seu trono.

De acordo com Felipe Araújo (2012) que comenta sobre a Guerra da Restauração, essa teve início com o golpe de estado que almejava restaurar a independência e colocar um fim na dinastia Filipina que reinava na Espanha e controlava Portugal, onde esse poderio da Espanha sob Portugal já durava mais de 50 anos, pois Depois da morte do Rei e de seu sucessor, Portugal se encontrava sem alguém para ocupar o trono, iniciando assim um serie de sucessões ao trono, começando dessa a forma dinastia filipina.

Com os olhos voltados para independência desse país, reuniu-se um grupo de homens da nobreza, que ficaram conhecidos como “os conjuradores” e fizeram uma conspiração contra o rei Filipe III, que dominava a Espanha e Portugal, pois essa era como uma província da outra. Alguns desses mataram o secretário do estado e aprisionaram a prima do rei, a Duquesa de Mântua, que tomava conta da corte na ausência do seu primo. Um fator que ajudou nessa conspiração foi que a Espanha estava vivendo a guerra dos trinta anos e estava sem muito reforço, pois suas forças armadas estavam tentando acabar com a guerra na Catalunha, e é nesse momento onde se inicia a guerra da Restauração. O trono de Portugal poderia ser ocupado tanto por Filipe III, como por D. João, pois ambos eram trinetos de D. Manoel I e sem contar que D. João ainda era neto de D. Catarina de Bragança.

Para conquistar a independência D. João se alia ao país da Holanda, Inglaterra e França, e é nesse contexto que se faz presente a entrada de Chamilly, o homem amado por Mariana nas cartas portuguesas, a Portugal, pois o rei da França envia tropas para lutar pela independência deste país. Em 1637 a questão da independência começou a ganhar mais destaque no clero, na nobreza e também entre o povo, D. João era o favorito para o trono, no dia 15 de dezembro de 1640, o favorito é aclamado solenemente em Lisboa como D. João IV, rei de Portugal, começando assim a quarta dinastia nesse país, a dos Bragança.

A grande preocupação agora era consolidar a autonomia alcançada nessa guerra, e como a Espanha estava vivendo uma zona de conflitos com a guerra dos trinta anos, D. João

teve tempo para organizar suas defesas para possíveis ataques vindo dos espanhóis, e foi o que aconteceu. Após terminada a guerra dos trinta anos, a Espanha organizou alguns ataques contra os portugueses, mas foram facilmente combatidos pelo exército formado pelo rei. Mas algumas das investidas da Espanha deram certo, no ano de 1663, onde o rei atual era D. Afonso VI, os espanhóis atacaram Portugal e conseguiram ainda dois de seus territórios, as praças de Alcácer do Sal e de Évora, e após algumas batalhas pode-se dizer que Portugal venceu a Espanha na guerra da Restauração.

Considerando que essa guerra se iniciou em 1 de dezembro de 1640, ela durou 28 anos, pois o tratado de paz só foi assinado no período do reinado de D. Pedro II, em Lisboa, este assinou o tratado em 13 de fevereiro de 1668. A partir de então Espanha passa a reconhecer a definitiva independência de Portugal.

2.3. Compreendendo as Cartas Portuguesas

Publicado pela primeira vez no ano de 1669 em Paris, as *Lettres Portugaises*, ou seja, “Cartas Portuguesas” traduzidas para o português no século XIX, um romance que foi lançado nos salões de Paris, por Claude Barbin, um célebre livreiro parisiense, como diz Luciano Cordeiro. Contendo cinco cartas escritas por uma suposta freira portuguesa para seu amado, um suposto soldado que morava na França, mas foi servir em Portugal durante a guerra da Restauração e quando essa acaba ele regressa ao seu país de origem, abandonando assim a pobre religiosa. Denominam a freira como Mariana e o oficial de Chamilly, desde então essas epístolas que são repletas de sentimentos confusos e contraditórios rodam o mundo encantando a muitos e confundindo a tantos outros.

Luciano Cordeiro, especialista nas cartas e um nacionalista aguerrido escreveu o livro “Soror Mariana, a freira portuguesa” em 1888, e até hoje figura como uma grande referência para os que analisam as cartas, assim como tentam atribuir ou negar a autora à Freira de Beja relata a existência dessas duas pessoas, é claro que existe pensamentos contrários em relação a existência de Mariana Alcoforado e Chamilly, mas as afirmações nos levam a crer que realmente as cartas foram escritas e recebidas pelas respectivas pessoas. As afirmações remetem primeiro a Chamilly: “- Servira, moço, em Portugal, e a ele é que foram escritas essas famosas cartas portuguesas por uma religiosa que lá conheceu e que ele enlouqueceu de amor. ”

Esse é um dos comentários de Saint-Simon, que, segundo Luciano Cordeiro, conviveu com o marechal Chamilly, e Beauvois, contemporâneo desses, também comenta a existência e a comprovação de que as cartas eram para Chamilly.

O marechal de Chamilly, célebre por sua bela defesa de grave, morreu também neste ano (1715). Era famoso e bem feito, e servira na mocidade em Portugal onde fora vivamente amado por uma freira. É a ele que são dirigidas as cartas portuguesas. (1888, p. 67)

Com essas duas afirmações encontradas em um dos mais importantes livros que relatam a história dessas cartas, podemos chegar à conclusão de que o inspirador das epístolas portuguesas existiu e era Noel Bouton de Chamilly, apesar de não ser tão famoso, foi ele quem inspirou tanto desejo na pobre feira, que por sua vez nos é apresentada nas cartas apenas como Mariana:

Deixa, deixa de consumir-se em vão, infeliz Marianna, deixa de anhelar um amado que não tornará a ver, que passou o mar para te fugir, que está em França no meio dos prazeres, que não pensa um só momento nas tuas penas. (Primeira Carta, 1888)

Em todas as cinco cartas, relembremos que surge o nome Mariana, na edição francesa *Marianne*, de onde então surgiu o sobrenome dos Alcoforados? Manuel Ribeiro²⁵ apresenta em seu livro que o nome alcoforado é citado pela primeira vez em 1810, em Paris, pelo acadêmico Boissonade, onde aponta Mariana Alcoforado, religiosa num mosteiro de Beja, como autora das tão famosas Cartas Portuguesas, dando assim um passo importante para que Camilo Castelo Branco⁵, em 1876, anunciasse a existência da família alcoforado na cidade de Beja, depois de ter feito toda uma genealogia sobre os alcoforados em Portugal.

Depois dessas descobertas, Luciano Cordeiro, já citado aqui, expõe em seu livro um grande estudo feito por meio de pesquisas, com dados retirados de documentos oficiais, feito em relação aos familiares de Mariana Alcoforado, principalmente o seu pai, Sr. Francisco da Costa Alcoforado, que de acordo com os documentos trabalhava para a corte sendo o proprietário do ofício de executor do almoxarifado de Beja, assim é relatado no livro de Manuel Ribeiro.

⁴ RIBEIRO, Manuel. **Vida e Morte de Madre Mariana Alcoforado**. Livraria Sá da Costa, Lisboa. 1940.

⁵ famoso escritor português, além de ser historiador e romancista.

O fato é que Mariana Alcoforado realmente existiu, foi freira do convento da Conceição em Beja, o grande dilema que existe e que acarreta inúmeras discussões entre tantos que estudam essas epístolas é se a Mariana que escreve as cartas é realmente Mariana Alcoforado, mas depois de tantas pesquisas e de tantas evidências, tudo nos leva a entender que sim, que elas são a mesma pessoa e penso comigo que se as evidências confirmassem o contrário, não existiria mais pesquisas, nem estudo e nem tantas indagações voltadas a Mariana Alcoforado. Camilo Castelo Branco, citado por Luciano Cordeiro em um de seus escritos de 1876 escrevia:

Não duvidamos, todavia, nem dos amores, nem da existência da religiosa Mariana Alcoforado no convento da conceição em Beja, pelas notícias que temos dela e da sua família, conforme as genealogias ordenadas por D. Antônio de Aguilár e José Freire de Montarroio Mascarenhas, no artigo: alcoforados de Beja. (1888, p. 93)

O filósofo francês Rousseau usou de puro sexismo, duvidando que as cartas pudessem ter sido escritas por uma mulher, acreditava ele que ela não teria capacidade para escrever as cinco belas cartas portuguesas, que acabou circulando em todo o mundo e tornando-se grande referência da literatura portuguesa e dos romances. Ele atribuía essa escrita a escritores portugueses ou franceses, menos a uma mulher. Analisando então essa ideia de que não seja uma mulher a escreve, se por acaso não seja uma freira a autora das epístolas, teria a mesma emoção, sentimento e mistério que nelas existem? Acredito sinceramente que não, essa questão do proibido torna tudo mais envolvente e interessante, sem contar no argumento de Rousseau que é totalmente duro e surtado ao achar que as cartas não podem ser escritas por uma mulher por falta de capacidade.

As cinco epístolas nos colocam diante de uma escrita que envolve emoções e sentimentos difíceis de serem compreendidos, esse romance entre a freira e o soldado, que gira em tono de algo proibido, levou-me a colocar em discussão o que a freira demonstra sentir, afinal por meio dos “olhos” dela que no caso é a sua escrita enxergaremos o que ela sente. Digamos que Mariana, assim como todas as pessoas apaixonadas, é feita de confusão, em um momento ela estava totalmente aos “pés” do amado, em outro já não sabia o que pedir, como diz Lewis, no livro *Os Quatro Amores (1960)*, essa oposição, essa confusão, torna o amante quase que como um mártir, através do seu sofrimento e indecisão, ele se auto justifica, pois como veremos, o Amor Eros convida a esse tipo de ação.

Não sei nem o que sou, nem o que faço, nem o que desejo. Dilaceram-me mil emoções contrárias. Pode imaginasse mais misera condição? Amo-te perdidamente, e poupo-me muito, talvez, não me atrevendo a desejar que te atribulem os mesmos ímpetos de amor. (Terceira Carta, 1669)

Em meio a tantas confusões de sentimentos presente nesse ícone que são as cartas, Mariana me fez parar e refletir, o que ela realmente sente em relação a seu amado, se muda, se continua, se permanece, o que resta, em resumo podemos perguntar: qual sentimento move a freira? Essa que ao expor seus pensamentos e sentimentos se tornou uma grande referência dos romances.

2.4. Amor? Paixão? Qual sentimento move a Freira?

Falar de qualquer sentimento é algo complicado, pois eles em sua essência são difíceis de serem explicados, por exemplo, existem milhares de definições para o que seja o amor, o soneto de camões é uma das mais famosas: “Amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente, é um contentamento descontente...” sim o amor também é isso, mas esse sentimento vai bem mais além. Shakespeare, escritor do clássico Romeu e Julieta, nos apresenta em sua obra que é preferível morrer do que viver sem amor, são tantas histórias em que o amor é protagonista que enumerá-las seria impossível. Na minha opinião, a melhor e maior história de Amor foi pregada em uma cruz, dar a vida por quem se ama é um dos exemplos mais belos, Jesus Cristo então nos mostrou uma das mais belas definições.

Segundo Clive Lewis, escritor de *As Crônicas de Nárnia* (2002) e também de *Os Quatro Amores*, existem duas distinções presentes nos amores humanos, Amor-Necessidade e Amor-Doação, o primeiro é definido quando pensamos apenas em nós, em nossas vontades, não nos preocupando com os outros, não passando assim de algo egoísta; o segundo não se cansa de entregar-se, alegre, paciente, sempre pronto para perdoar, querer e fazer o bem à pessoa que ama sempre vem em primeiro lugar, esse amor é sempre apresentado pelos grandes poetas e escritores.

O livro *Os Quatro Amores* apresenta, como o próprio título diz, quatro tipos de amor: Afeição, Amizade, Eros e Caridade, é baseado nas palavras de Lewis que vamos entender qual ou quais sentimento (os) impulsiona (m) Mariana em relação ao seu amado. Em primeiro momento é preciso saber que uma das distinções do amor humano que Mariana sentia era o

amor-necessidade, a protagonista das cartas apesar de colocar o amado em um pedestal para ser adorado por ela, no final sempre ela volta e se coloca em primeiro plano, ou seja, ela está em estado deplorável por causa do amor, mas ao mesmo tempo ela precisa dele para viver. Como ela menciona na quarta carta dizendo que o amor dela é tão fiel que só aceita culpar o amado para depois ser maior o seu prazer em perdoá-lo. Ela sente a necessidade de culpa-lo, apenas para ela mesma o perdoar depois.

Desde que partiste nunca mais tive saúde, e todo o meu prazer consiste em repetir o teu nome mil vezes ao dia. Algumas freiras, que conhecem o estado deplorável a que me reduziste, falam-me de ti com frequência. Saio o menos possível deste quarto onde vieste tanta vez, e passo o tempo a olhar o teu retrato, que amo mil vezes mais que à minha vida. (Segunda Carta, 1669)

Nessa pequena passagem fica totalmente claro o tanto que Mariana necessitava de Chamilly para ficar bem, até as outras freiras falavam do seu amado na tentativa de fazê-la melhorar de ânimo e até da própria saúde. Lewis nos apresenta isso em seu livro quando fala do amor-necessidade onde essa distinção presente nos amores existentes faz com que o ser amado seja visto em relação as nossas próprias necessidades, assim como a torneira é vista pelo homem sedento e o copo de bebida pelo alcoólatra, explica o autor. Mariana é sedenta em ter o amado de volta, e só com esse regresso ela conseguiria ser feliz, na quarta carta ela diz que felicidade seria a dela se eles passassem a vida juntos.

O sentimento da religiosa é composto pelo Amor Eros em seu nível mais alto, o estado ao qual se diz “estar amando” ou “estar apaixonado”, onde primeiramente a preocupação com o ser amado se torna algo gritante: “Tudo o que te diz respeito me entenece, a minha dedicação ao que te pertence é completa; só o que a mim se refere não me preocupa. ” Diz Mariana em sua quarta carta, e ainda, a única coisa que as pessoas que estão enquadradas nesse estado sentem é não parar de pensar um só instante no ser amado, deixando de lado o pensar no ato do desejo sexual. Essa forma de amor deseja apenas o ser amado, é como se dissesse: “tendo ele para mim tudo que vier em sua companhia se tornará lucro em minha vida”, era isso que acontecia com Mariana, nada que acontecesse com ela importaria, pois, a necessidade que ela tinha por Chamilly era maior que qualquer obstáculo.

Contra mim própria me indigno, quando penso em tudo o que te sacrifiquei: perdi a reputação, expus-me à cólera da minha família, a severidade das leis deste país para com as freiras, e à tua ingratidão, que me parece o maior de todos os males. Apesar disso, creio que os meus remorsos não são verdadeiros; do fundo do meu coração queria ter corrido ainda

perigos maiores pelo teu amor, e sinto um prazer fatal por ter arriscado a vida e a honra por ti. (Terceira Carta, 1669)

De acordo com Lewis, tem momentos em Eros que os apaixonados parecem estar voando, com o pensamento no mundo da lua, ou melhor dizendo no mundo da pessoa amada, já ouvimos várias vezes alguém falar, se está voando nos pensamentos é por que está apaixonado, com a freira portuguesa isso também acontece, na segunda carta quando ela diz que todo o prazer dela consiste em pensar e dizer o nome do amado mil vezes ao dia, percebamos então que os pensamentos de Mariana estão sempre voltados para Chamilly.

Quando Eros está em nós, explica o autor dos quatro amores, preferimos sermos infelizes com o amor do que sermos felizes em qualquer outra circunstância, é como dizer “Antes isto do que a separação. É preferível ser miserável com ele do que feliz sem ele. “ Isso é muito explícito na escrita da religiosa, principalmente nas quatro primeiras cartas:

Depois deste acidente tenho padecido muito, mas como poderei deixar de sofrer enquanto não te vir? Suporto, contudo, o meu mal sem me queixar, porque me vem de ti. É então isto que me dás em troca de tanto amor? Mas não importa, estou resolvida a adorar-te toda a vida e a não ver seja quem for, e asseguro-te que seria melhor para ti não amares mais ninguém. (Primeira Carta, 1669)

Várias outras passagens têm mostrando nas cartas que Mariana preferia sentir essa grandiosa paixão a qualquer outro sentimento, como na segunda carta onde ela diz que a crueldade da ausência do amado em nada diminui a exaltação do amor que ela lhe tem; ou até mesmo na terceira carta onde ela mostra que prefere amar violentamente do que ser amada e que também prefere ser desgraçada o amando do que nunca o ter conhecido, eis o estado de Eros legitimamente sincero, quando está pronto a fazer qualquer sacrifício, menos a renúncia.

Uma outra característica do sentimento Eros é a de transformar o ser amado em uma entidade divina, podemos assim dizer, aonde a condição de estar amando se transforma em uma espécie de religião, e o Deus dessa religião é a pessoa amada, pois de todos os amores é o Eros que mais se assemelha ao divino, exigindo assim uma adoração. A escrita das epístolas não me deixa mentir que a religiosa coloca o seu amado como o seu Deus, digno de todo amor, de toda preocupação e de qualquer maneira utilizada para se estar aos seus pés, como ela mesma menciona em uma das cartas, que para mim é uma das mais belas passagens de todas as epístolas:

Apesar disso, não estou arrependida de te haver adorado. Ainda bem que me seduziste. A crueldade da tua ausência, talvez eterna, em nada diminuiu a exaltação do meu amor. Quero

que toda a gente o saiba, não faço disso nenhum segredo; estou encantada por ter feito tudo quanto fiz por ti, contra toda a espécie de conveniências. E já que comecei, a minha honra e a minha religião hão de consistir só em amar-te perdidamente toda a vida. (Segunda Carta, 1669).

Finalizando essa parte do sentimento Eros presente na freira, de acordo com Clive Lewis, esse “amor” que constitui Mariana faz com que juramentos não solicitados sejam feitos e ninguém pode impedir tais juramentos, e uma das palavras mais usadas por esses apaixonados é que serão sempre fieis ao amado e que o amarão por toda vida, não prometem isso com falsidade, pelo contrário, prometem por que o Eros que se faz presente os levam a fazer tais promessas, no momento em que se encontram não os fazem pensar que esse sentimento possa ser passageiro, como é apresentado no livro *os quatro amores*, é como se Eros fosse impulsionado a prometer algo que por si mesmo ele não poderá cumprir. Existe um momento em que o “estar amando” se esgota, digamos que o amor-necessidade presente em Eros deixou de necessitar, em alguns casos, parou pôr que já foi bem saciado e não se faz mais necessário, no caso de Mariana é interrompido pelo cansaço da espera, depois que passa toda aquela euforia da paixão, a espera pelo amado acaba fadigando o sentimento, digamos que a religiosa após quatro epístolas em pleno delírio de paixão, acorda desse desatino em sua última carta.

Muito tempo vivi num abandono e numa idolatria que me horrorizam, e o remorso persegue-me com uma crueldade insuportável. Sinto uma vergonha enorme dos crimes que me levou a cometer; já não tenho pobre de mim! A paixão que me impedia de conhecer-lhes a monstrosidade. (Quinta Carta, 1669)

Portanto, acredito que com os estudos feitos em relação as Cartas Portuguesas e ao livro *os quatro amores*, o que a religiosa portuguesa sentia pelo seu amado era o amor Eros em sua forma mais sublime, aquela ao qual o desejo sexual é deixado um pouco de lado e a única coisa que importa é ter o amado de volta, é demonstrar o que sente acima de qualquer coisa, aquele sentimento que se preocupa com o momento, e que tudo que for feito é por amor, mas que apesar de tudo isso, chega uma hora em que o sentimento esgota-se e o corpo em si cansa de tanta euforia causada pela paixão, Mariana é loucamente apaixonada por Chamilly, nada mais que isso, todos os demais sentimentos presente na escrita das cartas, como a raiva, o desgosto, a sensação de ser abandonada e todos os derivados se originam apenas de um, do Amor Eros. E quando essa paixão começa a passar, a religiosa prontamente começa a justificar todo aquele encantamento que se fazia presente, ou posso dizer, ainda estava presente só que dessa vez a visão ainda um pouco turva de toda paixão não a impedia de enxergar o que parece óbvio ao leitor.

Concordo que tem sobre mim muitas vantagens, e que me inspirou uma paixão que me fez perder a razão; mas não deve envaidecer-se com isso. Eu era nova, ingénua; tinham-me encerrado neste convento desde pequena; não tinha visto senão gente desagradável; nunca ouvira as belas coisas que constantemente me dizia; parecia-me que só a si devia o encanto e a beleza que descobrira em mim, e na qual me fez reparar; só ouvia dizer bem de si; toda a gente me dispunha ao seu favor; e ainda fazia tudo para despertar o meu amor..., mas, por fim, librei-me do encantamento. (Quinta Carta, 1669)

Na quinta carta Mariana se desprende do sentimento? A quinta carta é sua despedida do que agora se configura como uma espécie de desamor? Duas questões que demonstram a não linearidade das cartas, a segunda e quarta carta, por exemplo, já se alternaram na sequência do texto, dessa maneira, não apenas o relato da personagem, mas a estrutura é intercambiável apresentando as multiplicidades de sentir da narradora, conforme concluo adiante.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então chegamos as considerações finais de um artigo repleto de sentimento, podemos assim dizer, que mostrou o quanto complexo pode ser os afetos, em especial, a paixão, o amor e desilusão amorosa. As cartas são lembretes de que o sentimento mexe totalmente com a nossa condição humana, nos tornando, na maioria das vezes, pessoas irreconhecíveis até para nós mesmos. Acredito ter conseguido me aproximar do resultado que planejei, apesar de muito esforço, consigo começar a compreender melhor a mim depois de Mariana. Suas dores a empoderam tornam-a dona de si. Depois de tantas dúvidas, “a maior paixão do mundo” não é maior que ela.

Passando por entendimentos desde a contribuição da História Cultural em relação a expansão e construções de novas fontes, conhecendo assim as práticas e representações que documentos como as *Cartas Portuguesas* podem levar a um estudo detalhado, até então serem analisadas tanto na questão da Literatura, bem como foi mostrado acima a questão de documentos se tornarem literários, assim como aqui feito, na História, fazendo acontecer esse cruzamento entre essas duas importantes matérias.

Sem contar na questão do sentimento, que como falei, é sempre complicado abordar assuntos como esses, pois existe toda uma complicação no desenrolar do que se almeja explicar, espero ter alcançado meu objetivo de retratar o Amor Eros presente na religiosa portuguesa e o que esse sentimento a fez sentir e fazer em relação ao seu amado.

Enfim, é impossível chegar até aqui se ter absorvido durante o percurso conhecimentos e aprendizados, é impossível não se orgulhar de concluir um trabalho como esse e é um prazer inexplicável ter falado nessas linhas acima um pouco sobre o a paixão da freira portuguesa que tanto conquistou e conquista a muitos. Mariana representa muitas pessoas assim como seu amado Chamilly pois como um dia eu ouvi meu caro orientador explicar, aqui repito, em certos momentos da vida nós seremos Mariana ou Chamilly, e dependendo da vida e da ocasião poderemos ser os dois, amando sem ser correspondido ou não correspondendo a quem nos ama.

Mariana é a lembrança da condição do feminino no século XVII, enclausurada no seu caso no convento, sua construção é de uma personagem que ama com intensidade, fazendo uma transferência da forma do amar de um sagrado aprendido no convento para outro intensificado pelo desejo. Ao término da carta, liberta-se dos dois. Temos na minha perspectiva uma personagem feminina mais forte e segura de si. Mariana antecede a literatura epistolar inglesa do séculos XVIII e XIX, e deve ser percebida não como sinônimo de

fragilidade, docilidade, mas de espaço de reinvenção do feminino. As grades do convento, físicos ou literários não foram o bastante para prender Mariana.

RÉSUMÉ:

Cet article vise à présenter le roman épistolaire *Lettres Portugaises* (1669) , du discours d'amour présent dans les cinq lettres qui composent la publication . Nous suivons l'approche du discours de l'amour proposé dans le travail *The Four Loves* (1960) Clive Lewis . Ainsi , nous soulignons notre approche sur laquelle la forme de l'amour est présent dans Mariana , le caractère protagoniste et narrateur des lettres , et son homonyme une religieuse portugaise qui sont affectés à l'autorité locale . Nous essayons de bouger, voulons et le déroulement de cette affection dans cinq cartes . Par conséquent , nous dialoguons succinctement le contexte historique et l'amour du XVIIe siècle qui nous amène à savoir ce qui se passe dans l'écriture de lettres et de l'histoire des affections .

Mots-clés: Lettres Portugaises. Mariana. L'amour

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Mariana. **Cartas de Amor**. Tradução e apresentação de Marilene Felinto. Rio de Janeiro: Edições Imago, 1992.

ARAÚJO, Felipe. **Guerra da Restauração**, disponível em:
<<http://www.infoescola.com/historia-europa/guerra-da-restauracao/>> em: 25/06/2016

BARROS, José Costa D'Assunção. **A Escola dos Annales: considerações sobre a História do movimento**. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/953-2225-1-PB.pdf>>

BARROS, José D'Assunção. **História Cultural: um panorama teórico e historiográfico**. Disponível em:
<<http://www.gestoesaude.unb.br/index.php/textos/article/download/5925/4901>> em:
22/02/2016

CATARIN, Cristiano Rodrigo. **Caminhos da História**. Disponível em:
<<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=607>> em: 16/02/2016

CORDEIRO, Luciano. **Soror Marianna: A Freira Portuguesa**. Lisboa; Livraria Ferin, 2º Edição, 1891. Disponível em: <<https://archive.org/details/sorormariannafre00cordiala>>

FREIRE, Maria da Graça. **Mariana Alcoforado**. Revista por Pedro Lyra. Rio de Janeiro, 2º ed. Agir, 1994. (Nossos Clássicos; 64)

Guerra da Restauração, disponível em: <<http://www.historiadeportugal.info/guerra-da-restauracao/>> em: 25/03/2016

JUNIOR, Antônio Gasparetto. **Escola dos Annales**. Disponível em:
<<http://www.infoescola.com/historia/escola-dos-annales/>>

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP. 1990.

LEWIS, Clive Staples. **Os Quatro Amores**. Tradutor: Paulo Salles. Editora WMF Martins Fontes, 2º Edição, 2009.

PACHECO, Isabel. **O que é História Cultural? Peter Burke.** Disponível em: <http://www.uesc.br/icer/resenhas/historia_cultural.pdf> em: 16/02/2016

RIBEIRO, Manoel. **Vida e Morte de Madre Mariana Alcoforado.** Lisboa; Livraria Sá da Costa. 1940.

ROIZ, Diogo da Silva. **A história da História Cultural, segundo Peter Burke.** Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF15/res_Roiz.pdf> em: 20/02/2016

Soror Mariana Alcoforado. Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/02/Cartas-de-Amor-de-uma-Freira-Portuguesa.pdf>> em: 19/02/2016